

## **Enquanto uns ensinam, outros navegam<sup>1</sup>**

While some teach, others navigate

Ricardo José Orsi de Sanctis

Uniso | Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE-Uniso

Sorocaba | SP | Brasil. Contato: ricardosanctis@uol.com.br



MARTINS, José Lauro. **Enquanto uns ensinam, outros navegam**: a gestão da aprendizagem em tempos digitais. Porto Alegre: Editora FI, 2017.

Recebido em: 10 de outubro de 2018

Aprovado em: 6 de fevereiro de 2019

José Lauro Martins é graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Ciência da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción e doutor em Ciência da Educação pela Universidade do Minho (2014), na linha de pesquisa Tecnologias Educativas, título convalidado e reavaliado pela Universidade Federal do Ceará. É professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins no curso de Jornalismo, atuando como docente no Programa de Mestrado em Ensino de Ciência e Saúde e pesquisador no Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE).

Fruto de sua tese de doutorado defendida no Programa de Ciência da Educação da Universidade do Minho em Portugal, em 2014, a presente publicação, que no Brasil se deu no ano de 2017, teve, inicialmente, o objetivo de investigar a gestão de aprendizagem que, ao assumir o ambiente virtual como o “lugar” de investigação, se propôs a discutir as tecnologias

---

<sup>1</sup> Trata-se de resenha de uma Tese de Doutorado da Universidade do Minho-Portugal que foi publicada no Brasil em 2017. O autor aborda a gestão de aprendizagem em contraposição à gestão de ensino em ambiente virtual.

digitais como recursos pedagógicos mediadores da aprendizagem, já que flagrantemente presentes na sociedade contemporânea, destacando a importância do desenvolvimento da autonomia do aprendente para a gestão de aprendizagem.

Para entender a gestão da aprendizagem no ambiente virtual, coloca o aprendente como centro do processo educativo. Assim, o autor organiza os três capítulos, buscando entender aspectos relevantes da tecnologia digital nos processos educativos, lançando uma reflexão sobre vários temas importantes que envolvem o volume de informações a que os aprendizes têm acesso, a questão da desterritorialização dessas informações, revendo conceitos de tempo, espaço, comunidade e do fazer docente.

O autor diferencia a gestão de aprendizagem da gestão de ensino, trazendo para a reflexão o pensamento freireano e a discussão com relação à autonomia, um desafio imposto aos professores e alunos que se valem da mediação tecnológica na gestão de aprendizagem, passa a ser discutida com o desenvolvimento de três conceitos: a autorregulação, a metacognição e o aprender-a-aprender.

No primeiro capítulo, intitulado de “As Janelas do Mundo”, o autor faz um paralelo entre a história da evolução do homem e da tecnologia, identificando o ser humano como capaz de aprender, o que o difere de todos os outros. Ao afirmar que o desenvolvimento humano depende de condições do contexto social, cultural, econômico ou político, destaca o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na mudança da sociedade, que acaba por aumentar o acesso à circulação de informações no século XXI. Essa importante reflexão deve ser feita para considerar, nesse contexto, a possibilidade de dar um sentido mais “humano, prático, ecológico e menos comercial ao desenvolvimento tecnológico” (MARTINS, 2017, p. 21), quando inserido na educação.

José Lauro Martins faz importantes considerações com relação às novas tecnologias e o ciberespaço capaz de criar uma nova fronteira na sociedade. Para ele, segundo Castells (1999), tecnologias não são tratadas apenas como novidades, mas como verdadeiros instrumentos de transformação social que trazem um novo tempo, comparando as tecnologias às descobertas das novas fontes de energia, destacando a informação como matéria-prima principal, deixando claro que não é a tecnologia que determina a sociedade, mas a sociedade é que lhe dá forma ao utilizá-la. Ao trazer o ciberespaço, a territorialidade e temporalidade, a distância e o tempo, transformam-se. Ao mesmo tempo que temos uma desterritorialização da informação que circula

sem distâncias, temos a reterritorialização em *sites* e redes sociais, criando comunidades virtuais, que agregam pessoas com interesses comuns e responsabilidade coletiva, independentemente de aproximação física. Essa noção de comunidade difere muito das comunidades com referência geográfica tão utilizada pelos professores para identificação de costumes, educação, valores etc.

Ao dissertar sobre as tecnologias da comunicação para a educação, o autor conceitua comunicação como “essencial no estabelecimento das relações, na disseminação de ideologias e na divulgação de informações por meio de veículos de comunicação” (MARTINS, 2017, p. 31), apontando o surgimento da possibilidade da aprendizagem colaborativa através do diálogo interpessoal proporcionado pela diversificação dos meios de divulgação, realidade que merece ser considerada para adoção de novas metodologias que não coloquem mais o professor como centro, reproduzindo antigas formas de ensinar.

Chama-nos a atenção para a necessidade da aproximação entre educação e comunicação como áreas de conhecimento para a melhoria nos processos educacionais. A presença das novas formas de comunicação pode minimizar a lentidão das mudanças educacionais num mundo veloz, incerto, em constantes mudanças, líquido, onde a expectativa pelo novo surge a cada minuto.

Por fim, reflete sobre as redes de aprendizagem capazes de fazer com que o aprendente, devido ao “conexionismo”, se valha de seus conhecimentos somados aos conhecimentos dos participantes de toda rede, o que causa um rompimento com o modelo tradicional e centrado nos conhecimentos oriundos tão somente do professor.

No segundo capítulo, o autor apresenta o conceito de gestão de aprendizagem que tem como centro o próprio aprendente, termo que adotou do autor Assmann (1998), para destacar o papel ativo do sujeito no processo de aprender. Esse conceito está em oposição à gestão de ensino que, segundo ele, é centrado e controlado pelo professor, muitas vezes de maneira opressora.

Considerando a gestão de aprendizagem um caminho para a construção da autonomia, estrutura seu conceito com base na aprendizagem significativa de Ausubel, na qual se aprende pela descoberta onde os conteúdos não estão prontos; na Zona de desenvolvimento Próximo de Vygotsky, campo de atuação mediadora do professor para alcançar o desenvolvimento potencial do aluno; e na apropriação do pensamento de Paulo Freire, que destaca a dialogicidade como qualificadora de um processo comunicativo intenso e de “mão dupla”.

Ao citar Paulo Freire, comenta a respeito do tempo na gestão de aprendizagem, o qual é renegado na gestão de ensino que se ocupa com a preocupação em vencer os programas,

“enchendo” o educando de conhecimento e privilegiando o verbalismo dos professores e a memorização dos alunos.

Martins considera a gestão da aprendizagem um caminho capaz de transformar a ação docente centrada na retransmissão de saberes em ações provocadoras, problematizadoras, socializantes e que tornam possível o diálogo entre os participantes.

O conceito de autonomia será trazido à reflexão no terceiro capítulo. Recorrendo a autores como Michel Moore e Greg Keassley (2007) e Otto Peters (2001), destaca-se que a autonomia ganha grande importância no ensino mediado pelas tecnologias digitais, as quais terão formas diversas para a resolução de problemas no processo de aprendizagem, devido à distância geográfica entre aluno e professor, a disponibilização de tempo do aprendente para estudo, referindo-se, a uma autonomia que denomina instrumental e não cognitiva, uma vez que o auxílio do professor estará presente, até mesmo para a construção da própria autonomia do aluno. Em síntese, o autor relaciona a autonomia ao poder levando em consideração as teorias de Foucault (1979), uma vez que nas mãos do professor, o exercício do poder pode conferir obediência a uns e autonomia a outros. Entende a autonomia como uma ação docente que leva o aprendente a desenvolver a capacidade de intervir conscientemente na realidade, desde que se convença de que ensinar não significa transferir o conhecimento e sim, criar possibilidades para que ele se construa (FREIRE, 1996).

Traz, também, à reflexão para entendimento da gestão de aprendizagem dois outros conceitos: a autorregulação, processo pelos quais os sujeitos estabelecem metas e desenvolvem estratégias para a aprendizagem, e a metacognição, que destaca a necessidade do aluno a aprender a aprender, distinguindo as variáveis no processo de aprendizagem para quaisquer áreas.

Em suas considerações finais, o autor volta a ressaltar a importância das novas tecnologias tanto social quanto educacionalmente, afirmando ser o modelo tradicional de ensino, centrado no professor que exaure conteúdos, um modelo superado. Os novos tempos indicam a necessidade de um novo modelo que deveria ter o aprendente, autônomo, proativo como centro do processo.

Ao final, desafia-se a pensar sobre toda temática, momento em que podemos romper com a atitude de “dirigir o veículo da educação pelo retrovisor” e entender os fatores essenciais com relação a aprendizagem mediada pelas tecnologias digitais. Sua tese pode nos ajudar a refletir sobre a resistência que ainda alguns têm com relação a ensino a distância, uso de novas tecnologias em

SANCTIS, Ricardo José Orsi de; NOGUEIRA, Eliete Jussara. Enquanto uns ensinam, outros navegam.

sala de aula e o conflito que se estabelece em sala de aula onde estão presentes diferentes gerações: a nativa e a imigrante digital.

## **Referências**

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARTINS, José Lauro. **Enquanto uns ensinam, outros navegam**: a gestão da aprendizagem em tempos digitais. Porto Alegre: Editora FI, 2017.

MOORE, Michel; KEARSLEY, Greg. **Educação à distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.